



**Universidade Federal do Pampa**

**CAMPUS BAGÉ**

**LICENCIATURA EM LETRAS**

**TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO II**

**JESSICA JONES É UM CIBORGUE?  
UMA ANÁLISE SOBRE OS FEMINISMOS E AS SUPER-HEROÍNAS.**

**TAÍSA KLUG GUEDES**

**BAGÉ  
2016**

**TAÍSA KLUG GUEDES**

**JESSICA JONES É UM CIBORGUE?  
UMA ANÁLISE SOBRE OS FEMINISMOS E AS SUPER-HEROÍNAS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciado em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Rodrigo Borges de Faveri

**BAGÉ**  
**2016**

**TAÍSA KLUG GUEDES**

**JESSICA JONES É UM CIBORGUE?  
UMA ANÁLISE SOBRE OS FEMINISMOS E AS SUPER-HEROÍNAS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciado em Letras.

Área de concentração: Linguística, Letras e Artes.

Monografia defendida e aprovada no dia: 14 de dezembro de 2016.  
Banca examinadora:

---

**Prof. Dr. Rodrigo Borges de Faveri - Orientador (UNIPAMPA)**

---

**Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Kátia Vieira Moraes – (UNIPAMPA)**

---

**Prof<sup>a</sup>. Ms<sup>a</sup>. Viviane de Vargas Geribone (COLABORADORA EXTERNA)**

**Para Rosane**

## AGRADECIMENTOS

À Rosane Klug Guedes, minha mãe, por ser o motivo de tudo e a prova de que é possível existir super-heroínas além da ficção. Por ser a melhor pessoa que eu conheço. Também por insistir na minha educação, por estar sempre junto a mim em qualquer circunstância. Por me conhecer mais do que eu mesma. Por me dar o feminismo como herança. Por ser a pessoa que mais amo no mundo.

A Lucas Freitas da Rosa, o meu amor, com quem divido a minha vida da forma mais ampla possível. Obrigada pelas conversas, pelos abraços, por secar as minhas lágrimas e pelo companheirismo. Somos melhores depois de sermos nós.

À Luísa Klug Guedes, minha irmã, pelas duras avaliações. Por toda a ajuda. Por se importar. Por ser feminista. Por ser meu igual e meu oposto.

A Luis Cleber Ferreira Guedes, meu pai, por ter também um “quê” de super-herói. Por ter insistido em me influenciar a seguir essa profissão. Por respeitar a inevitável força feminina que sempre houve na casa.

À Dusnelda, Marlene, Cláudia, Miriam e Eduarda, por serem mulheres inspiradoras.

À Júlia Portinho, por permanecer. Por confundir fronteiras. Por questionar. Por inspirar. Por ouvir. Por falar. Por ser. Por conhecer.

À Daniela Esteves, por ser ciborgue. Pela amizade. Por ser uma entusiasta da vida. Pelas alegrias do passado e do futuro.

À Clara, Isabella, Maria Cláudia, Júlia, Júlia, Luiza, Vanessa, Maria Victória, Larissa, Larissa, Olga e Carlyle, por me tornarem quem eu sou.

À Maria Inês Freitas da Rosa, pela delicadeza, pelo acolhimento e pela amizade.

Às minhas alunas e aos meus alunos, por ensinarem.

À Katia Vieira Morais, por fazer o feminismo se espalhar pela UNIPAMPA. Por ter sido gentil em ajudar na realização deste trabalho. Por todas as conversas.

À Viviane de Vargas Geribone, por aceitar o meu convite. Por ser um exemplo de professora feminista. Pela gentileza de demonstrar a sua amizade tão sincera. Por ser alguém com quem eu possa me afinar.

À Ana Luísa Ceolin, por acreditar em mim. Por ser uma das minhas referências profissionais e por me fazer amar a língua inglesa.

À Maria Eloá Gehlen, pela amizade. Por quebrar as barreiras da sala de aula e por ser revolucionária.

À Lucia Maria Britto Correa, pela calma que me transmitiu e por toda ajuda.

À Maria Eduarda, Junior e Priscylla, por serem alguns dos presentes que a graduação me deu e minhas/meu amigas/amigo para a vida inteira.

À Karoline, Dilnei e Thaís, pela alegria. Pelo apoio, pelos abraços e pelos sorrisos. Por não deixarem que o silêncio reinasse naquele lugar.

Ao Ézio, pelo companheirismo, pelas conversas e por compartilhar ideias e lutas.

Ao Clodoaldo, Greycy, Tiago, Rafael, Marcos, Djulya, Taiza, Felipe e Luciano, por compartilharem seus conhecimentos comigo.

A todo o sofrimento e a toda angústia sofrida, até o último instante. À intensidade. Aos cabelos brancos adquiridos e aos/às professores/as que serviram como exemplo da professora que não quero ser. À constante luta por uma educação de qualidade. À constante luta pelos direitos das mulheres. A todas/os aquelas/es que passaram, que ficaram e que virão. De Girl Power a Ciborgue.

## RESUMO

Este trabalho tem o objetivo de analisar a personagem da série “Alias”, Jessica Jones, da linha editorial Marvel, publicada entre os anos de 2001 e 2004 pelo selo “Marvel Max”, com a autoria assinada por Brian Michael Bendis e Michael Gaydos. É levado em consideração, também, a mesma personagem, porém retratada pela série americana “Marvel’s Jessica Jones” (2015), de Melissa Rosenberg, veiculada pelo Netflix. Esta análise é feita sob os olhos da filósofa, escritora e professora estadunidense Donna Haraway, a partir de seu texto intitulado “Manifesto ciborgue – Ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX” (2016). É selecionado um arco específico da HQ que abrange os números 22 a 28 por considerar-se que este arco seja referente ao arco adaptado para a série do Netflix. Busco então compreender em que aspectos a personagem Jessica Jones pode ser considerada uma feminista ciborgue. Além disso, pesquiso sobre o papel das personagens femininas nos quadrinhos e as mudanças que as super-heroínas sofreram ao longo dos anos em sua produção, edição e circulação. É feito um paralelo com a história das Três Ondas do Feminismo, analisando principalmente a questão do trabalho e das profissões ocupadas pelas mulheres, para que a análise possa ser construída de acordo com elementos históricos e políticos. A partir do manifesto de Donna Haraway é feita uma análise sobre este feminismo abordado por ela, o “Feminismo Ciborgue”, e outros tipos de teorias feministas que serviram como apoio para a avaliação sobre em que aspectos a personagem Jessica Jones pode ser considerada uma feminista ciborgue. Como resultados, é visto que, apesar do texto de Haraway estar situado cronologicamente na Terceira Onda do Feminismo, seu manifesto representa uma projeção do que pode ser considerado pós-gênero e que a personagem Jessica Jones pode ser considerada um ciborgue por representar uma reconstrução e uma releitura das personagens femininas, super-heroínas. Jessica Jones, reconhecida pelo público como feminista, é uma feminista-ciborgue, por representar uma possível afinidade com seu público e não uma identidade em descompasso com a “realidade”.

**Palavras-Chave:** Super-heroína, Feminismo; Pós-gênero.

## ABSTRACT

This paper has the goal of analyzing the character of the series “Alias”, Jessica Jones, by the publishing line Marvel, published between the years of 2001 and 2004 by the label “Marvel Max”, having the authorship signed by Brian Michael Bendis and Michael Gaydos. It is taking into consideration also the representation of the same character but featured by the American TV series named “Marvel’s Jessica Jones (2015), by Melissa Rosenberg, broadcasted by Netflix. This analysis is made through the eyes of the philosopher, writer and American professor Donna Haraway, onwards her text named “ A Cyborg Manifesto – Science, technology and socialist-feminism in the late twentieth century” (2016). It is selected a specific arch from the comic book that covers the numbers 22 until 28 because it is considered that this arch refers to the one adapted in the Netflix TV series. So I try to understand in which aspects Jessica Jones can be considered cyborg feminist. Besides that, I research about the role of the female characters in the comic books and the changes that the super-heroines passed during the years in their production, edition and circulation. It is made a parallel with the history of the Three Waves of Feminism, analyzing mainly the work and the professions occupied by women, so then, the analysis can be constructed according to political and historical elements. From Donna Haraway’s Manifesto it is made an analysis about the feminism approached by her, the “Cyborg Feminism”, and other kinds of theories that were used as a support to the evaluation about in which aspects the character Jessica Jones could be considered a Cyborg Feminist. The results show that, even though the Haraway’s text is chronologically situated in the Third Wave of Feminism, her Manifesto shows a projection of what can be considered as post-gender and that the character Jessica Jones can be considered a cyborg because she represents a reconstruction and a reinterpretation of the female characters, super-heroines. Jessica Jones, recognized by the audience as feminist, is a Cyborg Feminist because she can represent a possible affinity with her audience and not an identity in mismatch with the “reality”.

Keywords: Super-heroine; Feminism; Post-Gender



## LISTA DE FIGURAS

- Figura 1. Imagem de Rosie, a rebitadeira, pintada por Norman Rockwell em 1943.....15  
 Fonte: <http://www.intrinseca.com.br/blog/2012/12/2-a-glamorizacao-da-mao-de-obra-feminina-rosie-a-rebitadeira-e-wendy-a-soldadora/>
- Figura 2. Representação da personagem Mulher-Maravilha transformando-se de civil em super-heroína.....16  
 Fonte: <http://comicsalliance.com/david-e-kelley-wonder-woman-pilot-greenlight/>
- Figura 3. Representação da personagem Jean Grey usando seus super-poderes.....18  
 Fonte: <http://legiaodosherois.uol.com.br/lista/10-coisas-que-voce-precisa-saber-sobre-jean-grey.html/3>
- Figura 4. Representação da personagem Renee Montoya como a super-heroína Questão.....20  
 Fonte: [http://www.adherents.com/lit/comics/Question\\_Renee\\_Montoya.html](http://www.adherents.com/lit/comics/Question_Renee_Montoya.html)
- Figura 5. Imagem de Jessica Jones em uma cena da Série em Quadrinhos Alias.....24  
 Fonte: <https://br.pinterest.com/pin/463730092865521536/>
- Figura 6. Imagem do gráfico comparativo entre as Três Ondas do Feminismo e as Super-Heroínas.....27

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO/CONTEXTUALIZAÇÃO.....</b>	<b>11</b>
1.1 Justificativa.....	11
1.2. As perguntas da Pesquisa.....	13
1.3 Objetivo Geral.....	13
1.4 Objetivos Específicos.....	14
<b>2 AS TRÊS ONDAS DO FEMINISMO, AS SUPER-HEROÍNAS E O TRABALHO..</b>	<b>14</b>
2.1 Jessica Jones: Uma detetive particular feminista no mundo dos super-heróis.....	20
<b>3 JESSICA JONES E O FEMINISMO CIBORGUE.....</b>	<b>21</b>
<b>4. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>25</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFICAS.....</b>	<b>29</b>

O que eu tenho sido

Todos os homens e mulheres que tenho sido  
Os sonos que viram os meus sonhos  
E os seus sonhos que eu tenho vivido

Saudades suas que vivem em meu choro  
As baladas, o vento, o canto escondido  
Que cruzaram o tempo de minha vida

Todas as mulheres que eu tenho sido  
Nas enchentes e nas ruínas  
No vento dos sinais espargidos  
Os seus olhos e os inúmeros rostos  
O seu rosto e os meus olhos

Todos os corpos que você tem sido  
Os pinhos, as pedras e as pombas  
As pedras, as pombas e os pinhos

Toda a neve que eu tenho caído  
Todos os mares que em você agito  
Os caminhos dos outros e os meus pés  
Os pés dos outros e os meus caminhos

Todos os cantos que eu assovio  
Com a sua boca  
Nos rostos de todos os homens  
E das mulheres que tenho sido.

- Azita Ghahreman

Os movimentos internacionais de mulheres têm construído aquilo que se pode chamar de “experiência das mulheres”. Essa experiência é tanto uma ficção quanto um fato do tipo mais crucial, mais político. A libertação depende da construção da consciência da opressão, depende de sua imaginativa apreensão e, portanto, da consciência e da apreensão da possibilidade.

- Donna Haraway

## 1. INTRODUÇÃO/CONTEXTUALIZAÇÃO

### 1.1 JUSTIFICATIVA

Ainda é necessário que falemos sobre feminismo na universidade. Enquanto a produção cultural de massa aborda cada vez mais esse tema através da ficção, faço deste texto acadêmico, antes de mais nada, um exercício de “autossuperação” e “autoficcionalização”. Coloco-me como analista de uma personagem, assim como me coloco enquanto pesquisadora das minhas motivações e escolhas.

Nesta pesquisa, busco compreender a representação das mulheres nas histórias em quadrinhos e o que a profissão detetive representa para uma personagem em questão, a detetive e super-heroína Jessica Jones. Quando observamos a produção de narrativas que trazem mulheres como protagonistas, podemos perceber que estas personagens ocupam papéis diferentes ao longo do tempo. A pesquisa é apresentada a partir de uma análise cronológica e comparativa entre as personagens femininas super-heroínas e o avanço dos movimentos feministas.

Se observarmos a produção, edição e circulação das histórias em quadrinhos, gênero textual este que primeiramente apresenta esse tipo de personagem, percebemos que há diferentes tipos de lugares ocupados por personagens masculinas e femininas ao longo do tempo. Inicialmente, enquanto a personagem masculina é o super-herói, um ser que pode ser considerado divino e invencível, a personagem feminina é a companheira deste ser “perfeito” e, eventualmente, tem sua vida colocada em um risco tão grande que, mesmo que ela possuísse algum tipo de superpoder, nada seria suficiente para que ela pudesse se salvar sem a ajuda de um super-herói. Além disso, as super-heroínas eram retratadas de forma bastante sexualizada, vestindo roupas que não eram minimamente hábeis para sua locomoção, questão esta que não se limita apenas às personagens femininas. Os super-heróis também são retratados a partir destes mesmos estereótipos estéticos.

Esta tradição sofre uma mudança quando vemos a primeira super-heroína protagonizar uma história em quadrinhos, a Mulher Maravilha, criada por Dr. William Moulton Marston, e quando sua primeira história é publicada em dezembro de 1941. A necessidade de se criar uma super-heroína – forte e autossuficiente – que fosse protagonista das HQs é paralela ao momento histórico vivido na época de seu surgimento.

O nascimento da primeira super-heroína das HQ's, corre paralelo com a história do movimento feminista nos Estados Unidos. Os anos de 1930 e 1940 representam um período em que, formalmente, muitas reivindicações das mulheres haviam sido atendidas: podiam votar e ser votadas em praticamente todo o ocidente, ingressar em instituições escolares, participar do mercado de trabalho etc, havendo crescente reconhecimento da cidadania das mulheres (WESCHENFELDER/ COLLING, 2011, p.439).

O que significa ter uma mulher protagonizando uma história em quadrinhos mesmo ela mantendo estereótipos e parecendo não representar em sua totalidade as experiências de outras mulheres? Significa que podemos analisá-la como produto de seu tempo. Durante a Primeira Guerra Mundial (1914-1918), muitas mulheres auxiliavam as tropas americanas ao invés de esperarem pelos soldados em casa ou trabalhavam em fábricas para ajudar no sustento da família. A Mulher Maravilha é a personagem feminina mais conhecida nos quadrinhos e representa a tentativa da criação de uma personagem popular que pudesse incentivar as mulheres a fazerem parte do patriotismo que estava sendo reacendido durante a Guerra. Ela vai para a terra para lutar por paz e pelos direitos das mulheres.

Quando menciono a produção, edição e circulação destas narrativas, objetivo levar em consideração o contexto histórico que as circunda. Nesta pesquisa, escolhi trabalhar com algumas autoras que tratam do trabalho das mulheres como forma de libertação a partir de vertentes do feminismo<sup>1</sup>. A partir do texto intitulado “Profissões para mulheres”, escrito por Virginia Woolf e publicado postumamente em 1942 começo a minha análise sobre o tema. Situada cronologicamente na Primeira Onda do Feminismo, Woolf relata as suas experiências profissionais enquanto escritora. Na Segunda Onda do Feminismo, trago as experiências de Simone de Beauvoir em seu texto intitulado “O Segundo Sexo” primeiramente publicado em 1949, observando a questão do trabalho feminino como forma de libertação financeira. É na terceira onda do feminismo que o texto teórico principal de análise está situado, “Manifesto ciborgue – Ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX”, de Donna Haraway, publicado originalmente em 1985.

A motivação principal desta pesquisa é construir um estudo acadêmico que possa estabelecer um diálogo entre as teorias feministas e um produto de consumo popular (HQs), mostrando, ainda, que as interpretações feitas a partir do consumo, tanto de textos ficcionais

---

<sup>1</sup>: “[...] o feminismo é plural e variado. Por muito tempo era o primo pobre da historiografia, e mesmo da memória, porque deixa poucos vestígios, em razão da fragilidade de sua organização. Nos últimos trinta anos, porém, tem sido alvo de numerosas pesquisas que trouxeram à baila suas pioneiras, recontaram seus episódios e mostraram seus desafios”, (PERROT, 2013, p.154).

quanto de textos teóricos, podem amparar as lutas feministas, bem como a própria escrita deste trabalho configura uma forma de (re)construção, expressando minhas lutas feministas pessoais.

## **1.2 AS PERGUNTAS DA PESQUISA**

As perguntas apresentadas neste texto têm por objetivo guiar a análise do objeto de pesquisa, a personagem Jessica Jones, a partir do texto base que foi selecionado para servir de referência. A análise será guiada pelo texto intitulado “Manifesto ciborgue – Ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX” (2016). A frase inicial do referido manifesto é: “Este ensaio é um esforço para construir um mito político, pleno de ironia, que seja fiel ao feminismo, ao socialismo e ao materialismo”, (2016, p. 35). Utilizando as palavras “ironia” e “fiel” na mesma frase, a autora se coloca antecipadamente como alguém que fará uma relação não dogmática com esses temas. Ela anuncia seu texto como uma “blasfêmia” na medida em que propõe analisar esses temas de uma nova forma, revisitando-os e criticando-os. Além disso propõe, mesmo que nas entrelinhas, que o feminismo socialista pode ter tomado um caráter um tanto dogmático. Nessa perspectiva, a autora utiliza a palavra “Ciborgue” como uma ideia metafórica: “No centro de minha fé irônica, de minha blasfêmia, está a imagem do ciborgue”, (2016, p. 35).

A partir do Manifesto Ciborgue, de Haraway, a principal pergunta desta pesquisa é: Em que aspectos a personagem Jessica Jones pode ser um ciborgue? Para pensar sobre esta questão, investigo se é possível alinhar a história das Três Ondas do Feminismo até chegarmos ao manifesto de Haraway com as características da personagem “Jessica Jones” comparadas as características das personagens Mulher Maravilha, Jean Grey (Garota Marvel) e Renee Montoya (Questão).

## **1.3 OBJETIVO GERAL**

Compreender, em que aspectos, a personagem Jessica Jones pode ser considerada uma feminista ciborgue, analisando-a a partir do texto “Manifesto ciborgue – Ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX” (HARAWAY, 2016).

## 1.4 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Comparar quatro personagens super-heroínas (Mulher Maravilha, Jean Grey (Garota Marvel), Renee Montoya (Questão) e Jessica Jones);
- Fazer um panorama em formato de linha do tempo com as características das lutas de cada uma das Três Ondas do Feminismo e as personagens abordadas;
- Elaborar um estudo acadêmico que sirva como objeto de pesquisa sobre personagens ficcionais e teorias feministas;

## 2. AS TRÊS ONDAS DO FEMINISMO, AS SUPER-HEROÍNAS E O TRABALHO

“Frankly, Wonder Woman is psychological propaganda for the new type of woman who should, I believe, rule the world.”<sup>2</sup>

-William Moulton Marston

Eu não poderia iniciar este capítulo sem trazer uma definição do que significa a palavra Feminismo. Feminismo é um movimento social e político, relacionado àqueles e àquelas “[...] que se pronunciam e lutam pela igualdade dos sexos”(PERROT, 2013, p.154)

A história do feminismo é geralmente dividida em três momentos. O primeiro momento, chamado de primeira onda, ocorreu durante meados dos séculos XIX e XX e tratava basicamente de questões como o direito ao voto feminino (Sufrágio feminino). Com o crescimento do movimento pelo sufrágio feminino, essa luta espalhou-se pelo mundo e a participação das mulheres na Primeira Guerra Mundial (1914 - 1918) foi decisiva para o avanço dos direitos das mulheres no mundo todo. O movimento feminista, desde seu início, carregava uma forte carga de reivindicações de cunhos políticos. Buscava-se o fim da desigualdade entre os sexos.

---

<sup>2</sup> “Francamente, a Mulher Maravilha é uma propaganda psicológica para o novo tipo de mulher, a qual eu acredito, que deveria dominar o mundo.” Tradução minha.

O feminismo como movimento coletivo de luta de mulheres só se manifesta como tal na segunda metade do século XX. Essas lutas partem do reconhecimento das mulheres como específica e sistematicamente oprimidas, na certeza de que as relações entre homens e mulheres não estão inscritas na natureza, e que existe a possibilidade política de sua transformação. A reivindicação de direitos nasce do descompasso entre a afirmação dos princípios universais de igualdade e as realidades da divisão desigual dos poderes entre homens e mulheres. Nesse sentido, a reivindicação política do feminismo só pode emergir em relação a uma conceituação de direitos humanos universais; ele se baseia nas teorias dos direitos da pessoa, cujas primeiras formulações resultam das revoluções norte-americana e depois a francesa” (HIRATA, 2009, p.144)

Nos Estados Unidos, a luta pelo voto feminino durou 72 anos e, em 1920, no período entre guerras, finalmente foi aprovada a 19ª Emenda Constitucional que dizia: "O direito de voto dos cidadãos dos Estados Unidos não será negado ou cerceado em nenhum Estado em razão do sexo". Com a conquista do voto, as mulheres passaram a ocupar outros espaços não comumente frequentados por elas, como as universidades, por exemplo, além de passarem a fazer parte do mercado de trabalho mais efetivamente.



*Figura 2 Imagem de Rosie, a rebidadeira, pintada por Norman Rockwell em 1943*

É durante a Segunda Guerra Mundial que surgem os mais famosos super-heróis, Superman (1938) e Batman (1939) e, para representar a força e o patriotismo feminino, surge, em 1941, a primeira super-heroína dos quadrinhos, a Mulher Maravilha. Ela é uma guerreira, amazona, que mora em Themyscira, uma ilha somente habitada por mulheres. Mesmo sendo a protagonista, a Mulher Maravilha continuava mantendo o mesmo estereótipo bastante sexualizado, já descrito na introdução deste trabalho. Ela era desenhada vestindo roupas sensuais e constantemente, em suas histórias, ela acabava sendo amarrada por algum vilão em seu “Laço da verdade”, colocando-a, assim, em uma situação de submissão.



Além dessas características ligadas à hiperssexualização do corpo feminino, em certas edições das histórias da Liga da Justiça (grupo de super-heróis da DC Comics), ou quando ela está atuando com sua identidade secreta, sua profissão era a de secretária, ou seja, ocupava espaços diferentes dos que os super-heróis ou outros personagens masculinos ocupavam, tendo um trabalho que historicamente é atribuído com maior frequência às mulheres e, assim, mantendo o estereótipo feminino no mercado de trabalho. Por mais que ela não representasse o papel de super-heroína indefesa, à espera da salvação do super-herói, ela continuava, em alguns momentos, tendo papéis secundários e assumindo posições pré-determinadas para o seu gênero.



*Figura 3: Representação da personagem Mulher-Maravilha transformando-se de civil em super-heroína*

Sobre o trabalho, no texto intitulado “Profissões para mulheres” (2012), a escritora inglesa Virginia Woolf diz que, mesmo sendo mulher e tendo emprego, ela seguiu questionando-se sobre que experiências profissionais ela teve enquanto escritora. Ela relata que a profissão que mais proporcionou sucesso para as mulheres naquela época era a de escritora e, dizendo isso, ela elencou alguns fatores que justificam esta reflexão:

Escrever era uma atividade respeitável e inofensiva. O riscar da caneta não perturbava a paz do lar. Não se retirava nada do orçamento familiar. Dezesseis pences bastam para comprar papel para todas as peças de Shakespeare - se a gente for pensar assim. Um escritor não precisava de pianos nem de modelos, nem de Paris, Viena ou Berlim, nem de mestres e amantes. Claro que foi por causa do preço baixo do papel que as mulheres deram certo como escritoras, antes de dar certo nas outras profissões. (WOOLF, 2012, p. 10).

Além de todas estas questões elencadas por Woolf, a escritora ainda aponta dois problemas que ela, como mulher e escritora, enfrentava ao escrever. Um destes problemas ela apelidou de “Anjo do lar” e simbolizava a pressão que ela sofria para que fosse uma escritora sem opinião própria, que mantivesse o estereótipo feminino de mulher doce, afável, meiga e delicada nos seus artigos. Ela narra que se livrou desse problema por acreditar que “não dá para

fazer nem mesmo uma resenha sem ter opinião própria, sem dizer o que a gente pensa ser verdade nas relações humanas, na moral e no sexo”, (2012, p. 13). O segundo problema se faz presente para ela depois que ela conseguiu se livrar do primeiro. Trata-se de uma crise de autoconhecimento. Mesmo sabendo que não poderia escrever sem falar sobre o que acredita, ela não sabia dizer o que era ser mulher:

Em outras palavras, agora que tinha se livrado da falsidade, a moça só tinha de ser ela mesma. Ah, mas o que é ‘ela mesma’? Quer dizer, o que é uma mulher? Juro que não sei e duvido que vocês saibam. Duvido que alguém possa saber, enquanto ela não se expressar em todas as artes ou profissões abertas às capacidades humanas (*Idem*, p. 14).

Como contraponto da insuficiência da Primeira Onda do feminismo, nos anos 60 surge o segundo momento do feminismo, chamado de Segunda Onda. A teórica mais famosa dessa fase é Simone de Beauvoir que, apesar de ter lançado o seu livro – “O Segundo Sexo” – em 1949, aborda questões típicas desta Segunda Onda como sexualidade, família, mercado de trabalho, etc. Sobre o trabalho feminino, Beauvoir diz que “Foi pelo trabalho que a mulher cobriu em grande parte a distância que a separava do homem; só o trabalho pode assegurar-lhe uma liberdade concreta”, (2009, p. 879). Porém, “Não se deve entretanto acreditar que a simples justaposição do direito de voto a um ofício constitua uma perfeita libertação: hoje o trabalho não é a liberdade. Somente em um mundo socialista a mulher, atingindo o trabalho, conseguiria a liberdade”, (2009, p. 880).

Em 1963, é lançado o primeiro número das histórias em quadrinhos dos X-Men, criados por Stan Lee e Jack Kirby. Tratava-se de um grupo de super-heróis, mutantes, composto inicialmente por Professor X, Ciclope, Fera, Anjo, Homem de Gelo e Garota Marvel. A Garota Marvel, também conhecida como Jean Grey, possui os poderes de telecinesia e telepatia e é a primeira, e inicialmente a única, mulher a frequentar a “Escola para Jovens Superdotados” do Professor X. Os quadrinhos dos X-Men são constantemente considerados como uma alegoria a luta contra o preconceito. No texto intitulado “Os X-Men e o preconceito”, publicado em um site na internet<sup>3</sup>, o autor Rodrigo Monteiro diz:

---

<sup>3</sup> O artigo consultado encontra-se no site Omelete, disponível em: <https://omelete.uol.com.br/quadrinhos/artigo/os-x-men-e-o-preconceito/>

Para lidar com a questão do preconceito contra as minorias, Stan Lee e Jack Kirby criaram o conceito dos "mutantes", seres humanos que, devido a uma característica genética incomum - o "fator x", mais tarde mudado para "gene x" - desenvolviam capacidades extraordinárias quando alcançavam a adolescência. "X" é uma incógnita muito usada na matemática, daí a inspiração de Lee e Kirby para nomear sua nova criação como os "X-Men". O grupo nada mais era do que uma alegoria que representava todas as minorias - negros, homossexuais, imigrantes, judeus, só para citar alguns - que sofriam de preconceito pela maioria dominante (MONTEIRO, 2006).

Apesar dos quadrinhos dos X-Men tratarem destas questões, a Garota Marvel era retratada como insegura e ainda dependente dos homens, subordinada ao personagem Professor X. Sobre as questões de subordinação, Beauvoir diz que:

A mulher que se liberta economicamente do homem nem por isso alcança uma situação moral, social e psicológica idêntica à dele. A maneira por que se empenha em sua profissão e a ela se dedica depende do contexto constituído pela forma global de sua vida. Ora, quando inicia sua vida de adulto, ela não tem atrás de si o mesmo passado de um rapaz; não é considerada de maneira idêntica pela sociedade; o universo apresenta-se a ela numa perspectiva diferente. O fato de ser uma mulher coloca hoje problemas singulares perante um ser humano autônomo (BEAUVOIR, 2009, p. 882).



*Figura 4 : Representação da personagem Jean Grey usando seus super-poderes*

Além das mulheres ainda não serem vistas da mesma forma como os homens eram vistos pela sociedade, outros grupos de mulheres sofrem com este mesmo problema, porém entre si. Até este momento, o perfil de mulher atuante na luta feminista era a mulher branca, heterossexual, cisgênero e de classe média. Este “estereótipo de mulher” é o ponto fundamental que dá início à terceira etapa do feminismo, chamado de Terceira Onda. A partir destas questões, o termo “gênero” passa a substituir a ideia de sexo. Desse modo, o conceito de gênero engloba

[...] todas as formas de construção social, cultural e linguística implicadas com os processos que diferenciam mulheres de homens, incluindo aqueles processos que produzem seus corpos, distinguindo-os e separando-os como corpos dotados de sexo, gênero e sexualidade. O conceito de gênero privilegia, exatamente, o exame dos processos de construção dessas distinções – biológicas, comportamentais ou psíquicas – percebidas entre homens e mulheres; por isso, ele nos afasta de abordagens que tendem a focalizar apenas papéis e funções de mulheres e homens para aproximar-nos de abordagens muito mais amplas, que nos levam a considerar que as próprias instituições, os símbolos, as normas, os conhecimentos, as leis e políticas de uma sociedade são constituídos e atravessados por representações e pressupostos de feminino e de masculino e, ao mesmo tempo, produzem e/ou ressignificam essas representações. (MEYER, 2013, p.18).

Nesse sentido, tal definição argumenta que diferenças e desigualdades entre mulheres e homens são social e culturalmente construídas e não biologicamente determinadas.

A filósofa americana Judith Butler, em seu texto intitulado “Problemas de Gênero: Feminismo e a Subversão da Identidade”, (2003), é uma das principais autoras da Terceira Onda. No prefácio de seu texto, Butler diz: “Os debates feministas contemporâneos sobre os significados do conceito de gênero levam repetidamente a uma certa sensação de problema, como se a indeterminação pudesse culminar finalmente num fracasso do feminismo. Mas ‘problema’ talvez não precise ter uma valência tão negativa”, (2003, p.07).

Em recente entrevista à um jornal brasileiro<sup>4</sup>, Butler fala sobre a chamada “Ideologia de Gênero” e explica a possível razão pela qual as pessoas tendem a ter medo de falar sobre o assunto.

Meu entendimento é que algumas pessoas temam que “gênero” signifique que não haja leis naturais que regulem a divisão entre sexos. Elas querem leis naturais para estabelecer a relação de gênero para elas. (...) Se essa sequência é culturalmente variável, então você pode nascer com um conjunto de características e vir a adquirir outros conjuntos. Ou pode ter seu gênero redesignado e se tornar homem, e pode ser hétero, gay, bi ou assexuado.(...) Enquanto alguns entendem que vidas podem ter várias trajetórias de gênero e sexuais, os que temem gênero querem que haja só uma vida. E querem que ela seja fixada por Deus ou por lei natural (BUTLER, 2015).

Butler defende que o gênero está relacionado à performance e que “toda vez que colocamos reivindicações por direitos, ou insistimos em estar em público sem sermos molestados, feridos ou presos, usamos da performatividade” (BUTLER, 2015).

Renee Montoya, inicialmente criada para a série animada do Batman na televisão, apareceu pela primeira vez na edição número 475 da revista do Batman, em 1992. Ela é uma detetive policial de Gotham City. É somente na edição de número 48 da revista semanal

---

<sup>4</sup> A entrevista foi feita pelo jornal Folha de São Paulo e encontra-se disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2015/09/1683172-sem-medo-de-fazer-genero-entrevista-com-a-filosofa-americana-judith-butler.shtml>

intitulada 52 (2006-2007) que ela é treinada pelo então super-herói Questão, cuja primeira aparição ocorreu em 1967, para que Montoya assumisse o lugar dele já que este encontrava-se com câncer. Ela então é representada como uma ex-policial, alcoólatra e homossexual, que se encontra em uma situação delicada por ter perdido seu emprego e sua namorada.

Entendo que Montoya seja um exemplo de personagem que se relaciona com as questões abordadas pela Terceira Onda. Ela subverte a sua condição biológica e assume uma identidade de gênero relacionada à performance. Em inglês, a palavra “Questão” (Question) não é flexionada em gênero, portanto pessoas de qualquer gênero são passíveis de adequação ao nome da personagem. Além disso, ela usa uma máscara que não possui rosto, o que faz com que os estereótipos estéticos pré-determinados para mulheres não sejam fatores determinantes. Em paralelo a isso, mesmo ela não possuindo um emprego, o fato de ela se tornar uma super-heroína faz com que ela atue de forma performática a partir de seu ofício.



*Figura 5: Representação da personagem Renee Montoya como a super-heroína Questão*

## **2.1 JESSICA JONES: UMA DETETIVE PARTICULAR FEMINISTA NO MUNDO DOS SUPER-HERÓIS**

Primeiramente, é importante dizer que Jessica Jones foi considerada por seu público como feminista. A personagem surgiu em novembro de 2001 na série em quadrinhos “Alias”, criada pelo escritor Brian Michael Bendis, desenhada por Michael Gaydos e publicada pelo selo Marvel Max. O selo Marvel Max trata-se de uma linha editorial destinada ao público adulto, criada logo depois da editora Marvel Comics sair da “Comics Code Authority” ou Código de Ética dos Quadrinhos. A série em quadrinhos, que é dividida em 28 números, inspirou a série de televisão, veiculada pelo Netflix, de nome Marvel’s Jessica Jones, lançada em novembro de 2015. Quem assina a autoria da série é Melissa Rosenberg.

Jones é uma ex-super-heroína e uma investigadora particular, que tem seu próprio escritório, onde recebe diversas pessoas, com diferentes tipos de problemas a serem resolvidos. Após vivenciar um evento traumático nas mãos do vilão Kilgrave, ou Homem Púrpura, que ela passa a negar sua condição de super-heroína, porém segue usando seus superpoderes a seu favor. Tanto na HQ quanto na série televisiva, o principal supervilão é Kilgrave.

Jones adquire seus superpoderes a partir de um acidente de carro acompanhada de toda a sua família. Quando este colidiu com um caminhão carregado de um material radioativo experimental, ela se tornou a única sobrevivente e, a partir disso, adquiriu sequelas. Após passar seis meses em coma, ela acorda e descobre que consegue dar saltos altos que podem ser considerados pequenos voos, além de possuir uma força sobre-humana.

Kilgrave possui o poder de controle mental e Jones teve sua mente controlada por ele durante oito meses e, nesse período, ela usava seus superpoderes para matar pessoas ou lutar contra super-heróis. Além disso, é mencionado o fato de que o vilão abusava sexualmente da personagem e este tema é abordado de formas diferentes na HQ e na série. O mais importante de tudo isto é que este tema central fez com que a personagem fosse considerada pelo público como feminista. Jessica Jones representa diferentes formas de abuso sofrido pelas mulheres ao longo da história. Já lutamos pelo voto e por nosso lugar no mercado de trabalho, mas ainda temos de enfrentar muitas outras questões para que possamos chegar perto da igualdade em relação aos homens.

Jones é uma super-heroína que não pode ser substituída por nenhum super-herói. Quando coloco esta questão afirmo que há elementos na trama, onde a personagem está inserida, que seriam impossíveis de serem considerados plausíveis em uma trama que trouxesse um homem como protagonista. Desta forma, foi possível que ela se tornasse uma personagem com a qual as mulheres pudessem criar afinidade. Ela não representa um tipo de personagem inspirador e motivacional. Diferentemente da Mulher Maravilha, Jones é imperfeita. Ela não possui poderes invencíveis e possui os defeitos de um ser humano comum como o alcoolismo, por exemplo.

### **3. JESSICA JONES E O FEMINISMO CIBORGUE**

Como já mencionei anteriormente, esta análise foi guiada pelo texto intitulado “Manifesto ciborgue – Ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX”, (2016), onde Donna Haraway propõe um rompimento de barreiras entre natureza e cultura, humano e animal, homem e mulher, primitivo e civilizado, mente e corpo.

Por definição em um dicionário online<sup>5</sup>, ciborgue é um “ser que se assemelha às formas humanas, que têm processos biológicos alterados ou substituídos por meios eletrônicos”. Para Haraway, em uma de suas diversas definições do que é um ciborgue, a qual julgo mais importante para a construção da pesquisa que aqui se apresenta, “Um ciborgue é um organismo cibernético, um híbrido de máquina e organismo, uma criatura de realidade social e também uma criatura de ficção. Realidade social significa relações sociais vividas, significa nossa construção política mais importante, significa uma ficção capaz de mudar o mundo” (2016, p. 36). Para contextualizar seu manifesto, Haraway afirma que:

Este ensaio é um argumento em favor do prazer da confusão de fronteiras, bem como em favor da responsabilidade em sua construção. É também um esforço de contribuição para a cultura socialista-feminista, de uma forma pós-modernista, não naturalista, na tradição utópica de se imaginar um mundo sem gênero, que será talvez um mundo sem gênese, mas talvez, também, um mundo sem fim. (Idem, p. 38).

Mas feminista ciborgue? Sim. Para Haraway, “o ciborgue pula o estágio da unidade original, da identificação com a natureza”, (2016, p. 39). Assim, retomando minha análise, a personagem Jessica Jones possui características diferentes das outras super-heroínas apresentadas, principalmente em relação à sua aparência. Os aspectos relacionados a questões estéticas como, por exemplo, a roupa ou o uniforme que ela usa, não são determinantes para a relação que o público-alvo tem com a referida personagem. O que faz com que ela seja considerada feminista é justamente a confusão de fronteiras entre ficção e realidade. Não é a roupa que ela usa que faz com que ela seja uma personagem passível de afinção com seu público, mas o fato de ela negar a condição de ter que usar um uniforme. Ou seja, Jessica Jones não precisa de nenhuma máscara; basta que ela se apresente em sua “individualidade plural”, para que leitoras e leitores criem empatia com sua história, com suas experiências traumáticas, com suas lutas feministas mesmo que estas não se apresentem de maneira militante. É, então, a negação do caráter heroico que aproxima Jones de seu público e faz dela uma personagem múltipla e, por isso, pode ser interpretada como um ciborgue. Logo, o que mais importa é o enredo da história dela e não apenas a sua imagem.

Além disso, Haraway salienta que “Depois do reconhecimento arduamente conquistado, de que o gênero, a raça e a classe são social e historicamente constituídos, esses elementos não podem mais formar a base da crença em uma unidade ‘essencial’”. Não existe nada no fato de ser “mulher que naturalmente una as mulheres. Não existe nem mesmo uma tal situação – “ser”

---

<sup>5</sup> Dicionário Priberam, disponível em: <https://www.priberam.pt/dlpo/cyborg>

mulher” (2016, p. 47). Nesse sentido, não se pode afirmar que Jones tenha sido considerada feminista apenas pelo fato de ela salvar ou defender as mulheres incondicionalmente. Ela salva mulheres e homens que estejam relacionados de alguma maneira com a culpa que ela tem, uma vez que o vilão da trama, Kilgrave, controla diversas pessoas para conseguir chegar até Jones. Ela defende essas pessoas não por ser uma pessoa extremamente boa, tampouco por ser uma deusa ou por esta ser a sua obrigação como super-heroína, ela as salva por também se considerar culpada pelo que estava acontecendo.

Em relação ao seu emprego, Jones possui um trabalho que não pode ser considerado comum para mulheres. Apesar da literatura contar a história de várias investigadoras particulares, essa profissão é comumente ocupada por homens quando pensamos em não-ficção. Haraway aborda em seu texto o termo “economia do trabalho caseiro”, termo este criado por Richard Gordon e explicado por Haraway como:

Uma reestruturação do trabalho que, de forma geral, tem as características anteriormente atribuídas a trabalhos femininos, trabalhos que são feitos, estritamente, por mulheres. O trabalho está sendo redefinido ao mesmo tempo como estritamente feminino e como feminizado, seja ele executado, nesse último caso, por homens, ou por mulheres. Ser feminizado significa: tornar-se extremamente vulnerável; capaz de ser desmontado, remontado, explorado como uma força de trabalho reserva; que as pessoas envolvidas são vistas menos como trabalhadores/as e mais como servos/as; sujeito a arranjos do tempo em que a pessoa ora está empregada num trabalho assalariado ora não, num infeliz arremedo da ideia de redução do dia de trabalho; levar uma vida que sempre beira a ser obscena, deslocada e reduzível ao sexo. (HARAWAY, 2016, p. 69).

A partir de sua profissão de investigadora particular, Jones não se encaixa no conceito de “economia do trabalho caseiro”. Na trama, ela é uma pessoa com sucesso em sua profissão, além de não ser subordinada a nenhum patrão ou patroa. Apesar disso, acredito que seja pelo fato de ela possuir superpoderes que seu trabalho é tão reconhecido; afinal de contas, ela pode colocar seu corpo em risco já que tem poderes sobre-humanos que facilitam a sua proteção pessoal.

Jones não pode ser substituída, pois sua história é uma ficção de “autossuperação”. Ela representa um pouco de cada uma destas outras personagens anteriormente citadas, só que de forma diferente. Ela é uma reconstrução não dogmática das personagens femininas nos quadrinhos. Desta forma, é possível que ela seja considerada uma personagem com a qual as mulheres consumidoras desse tipo de histórias possam criar afinidade. Porém, ela não representa um tipo de personagem inspirador e motivacional, ninguém quer ser Jessica Jones, mas, ao mesmo tempo, todas somos. Em outras palavras, Haraway conclui que embora estejam



envolvidas, a ciborgue e a deusa, “ambas numa dança em espiral”(2016,p. 99) preferimos, tanto Haraway quanto eu, ser uma à outra.

Estes aspectos apresentados anteriormente é que se relacionam com o conceito de pós-gênero. Não é necessário que a personagem se encaixe em algum tipo específico de luta feminista para que ela seja considerada uma. Enquanto as outras personagens que apresento nesta análise conversam diretamente com alguma das Três Ondas do feminismo, tanto a personagem quanto a estudiosa representam uma luta feminista que vai além destas Ondas. A imagem do ciborgue representa então uma utopia de constante construção, desconstrução e reconstrução de conceitos que compõem um significado mais amplo e, cada vez mais, longe de dogmas.



Figura 6: Imagem de Jessica Jones em uma cena da Série em Quadrinhos Alias

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Ninguém nasce mulher, torna-se.”

-Simone de Beauvoir

Ninguém nasce ciborgue, torna-se. Bem como na introdução de meu trabalho, reafirmo que é necessário falarmos sobre feminismo na universidade e que esta pesquisa seria um exercício de “autossuperação” e “autoficcionalização”. Concluo demonstrando mais uma confusão de fronteiras. Para começar a terminar esta pesquisa, reitero que é necessário que falemos sobre feminismo, não somente na universidade, mas em todos os lugares.

No meu primeiro ano como aluna de Letras, me deparei com uma série de barreiras que já trazia como bagagem. O importante é que estes cinco anos foram o tempo necessário para que eu compreendesse melhor algumas questões. Eu me deparei, por exemplo, com uma barreira que penso que todas nós mulheres enfrentamos, ou teremos que enfrentar em algum momento de nossas vidas: a barreira da insegurança. Como era difícil ser mulher e falar em frente a um público historicamente machista como o da universidade.

Além de problemas enfrentados dentro da sala de aula da universidade, como comecei a lecionar aulas de língua inglesa no mesmo ano em que comecei o curso, percebi que os mesmos problemas que aconteciam comigo aqui, se repetiam lá com as minhas alunas. A partir de então comecei a tarefa árdua de não permitir com que aquelas crianças desenvolvessem ainda mais o pensamento de que não eram capazes de serem ouvidas e respeitadas como deveriam.

Para mim, cada semestre que eu passei dentro da universidade foi um aprendizado muito grande. Em 2013, fui convidada pelo professor Rodrigo Borges de Faveri a fazer parte do RENaG, a Rede de Estudos de Narrativas Gráficas. Na primeira reunião, eu percebi que eu era a única mulher a fazer parte daquele grupo. É claro que os fantasmas da insegurança falaram alto, porém, existia uma diferença bem demarcada entre a insegurança que eu tinha em outras situações e a que eu tinha dentro daquele grupo. A insegurança era muito mais uma consequência de todas as outras situações que eu havia passado dentro e fora da universidade. Todos estes anos vendo outras mulheres além de mim sendo menosprezadas e sendo caladas por uma sociedade patriarcal, com certeza deixariam alguma sequela.

Os nossos objetos de estudo eram as narrativas gráficas, os quadrinhos. Éramos, ou ainda somos, um grupo que estava à margem dos assuntos normalmente discutidos na universidade. Alí dentro, tínhamos espaço para pensar, discutir, avaliar, estudar as coisas que eram do nosso interesse. Coisas estas que, na maioria das vezes, eram menosprezadas e caladas em outros ambientes. Aí encontrei a semelhança entre o que eu estudava e o que é ser mulher.

Este ambiente que proporcionava ampla discussão foi o que provavelmente alavancou o meu interesse por falar sobre coisas que eram do meu interesse próprio. Em 2014 me matriculei na disciplina Tópicos de Feminismo, ministrada pela professora Katia Vieira Morais. Lembro-me que lemos várias autoras e que estudamos diferentes vertentes do feminismo. Então me descobri feminista. Lembro que escrevemos um relato pessoal no final do curso e lembro que o exercício da escrita daquele relato me fez superar algumas questões que me atormentavam na época.

Dito tudo isso, acredito que o exercício de estudar e pesquisar personagens de Histórias em Quadrinhos na universidade já é uma forma de resistência a um sistema fechado onde encontramos poucas possibilidades de diálogos com materiais considerados, na maior parte do tempo, como marginais. Acredito que este trabalho seja uma demonstração de que há muito a ser explorado quando o assunto é Histórias em Quadrinhos e Super-Heróínas. Além disso, procuro demonstrar nesta pesquisa que é possível sim que seja traçada uma relação direta entre estas personagens e a história da luta feminista no mundo.

A partir da minha pesquisa considero que, apesar de Haraway estar situada historicamente na Terceira Onda do feminismo, seu Manifesto propõe um avanço nas discussões feitas nesta Onda. Quando pensamos na luta feminista é preciso dar um passo à frente, longe das divisões dicotômicas. A personagem Jessica Jones pode ser considerada um ciborgue aos olhos do manifesto de Donna Haraway e analisada por mim, pois sua história é o elemento mais importante quando pensamos no fato de que o público a considerou uma personagem feminista.

Fatores como a figura de uma personagem que incentiva o público feminino a ser patriota (Mulher Maravilha) ou a figura de uma personagem feminina que ocupa o mesmo patamar que os personagens masculinos, mas segue subordinada a um homem (Jean Grey), ou a figura de uma personagem que usa seu gênero performaticamente (Renée Montoya) já não se encaixam no que Jessica Jones representa. Jones não representa uma imagem passível de identificação, representa uma ficção passível de afinidade. A ideia de sororidade está para a biologia assim como a afinidade está para as práticas sociais. A biologia está para a imagem assim como as práticas sociais estão para a ficcionalização.

Na imagem abaixo está representado o desenvolvimento de minha análise. A Mulher Maravilha é um exemplo de mulher relacionada à luta feminista da Primeira Onda, Jean Grey se identifica com a luta feminista da Segunda Onda e Renée Montoya dialoga com a luta feminista da Terceira Onda. Jessica Jones é um exemplo de pós-gênero, ou seja, seu gênero não é determinante para que ela seja considerada feminista. Como isso é uma visão ainda utópica,

não há datas relacionadas a este item. Sua história é um exemplo projetável do que seria a luta feminista em um mundo pós-gênero.

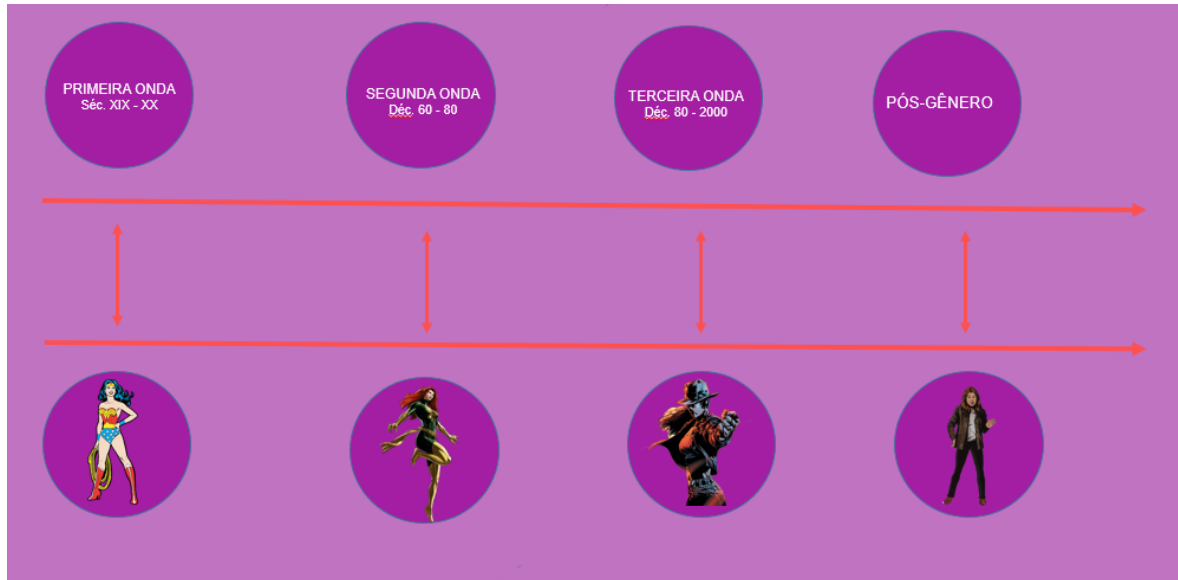


Figura 7: Imagem do gráfico comparativo entre as Três Ondas do Feminismo e as Super-Heroínas

A luta feminista e as histórias em quadrinhos, ou histórias de super-heroínas e super-heróis, têm algo em comum: o ímpeto de demonstrar o que acontece no mundo e a tentativa de dialogar com o público-alvo e manter, assim, uma relação de causa e consequência. A prova disso é que as personagens mudaram assim como o mundo mudou. No caso desta pesquisa em específico, demonstro que as super-heroínas foram ganhando seu espaço e seu protagonismo tanto quanto nós, as mulheres da não-ficção.

O exercício de escrita deste trabalho foi uma forma de organizar os meus pensamentos e entender como cheguei até aqui. Como Haraway propõe em seu texto, a escrita é uma forma de tecnologia importante na luta feminista. Como projeto para a expansão desta pesquisa e para que as vozes que falam neste texto se mantenham ecoando durante muito tempo, acredito que seja necessário que temas como feminismo e as personagens das Histórias em Quadrinhos sejam abordados não somente nas universidades, mas também nas escolas de Ensino Fundamental e Médio.

Como vimos que uma personagem popular foi considerada por seu público como feminista, acredito que seja de importância imediata a conexão destes dois assuntos dentro da sala de aula e aliar estes estudos à produção textual e à ficcionalização da opressão como exercício de libertação. A educação é o primeiro passo para a libertação. Só seremos livres, só seremos Ciborgue, a partir dela.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BENDIS, Brian Michael; GAYDOS, Michael. **Jessica Jones: Alias**. Vol. 4. New York, NY: Marvel Worldwide, Inc., 2015.
- BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo sexo**. Tradução: Sérgio Milliet. Vol. I, II, Rio de Janeiro, RJ: Nova Fronteira, 2009.
- BUTLER, Judith P. **Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade**. Tradução: Renato Aguiar. Rio de Janeiro, RJ: Civilização Brasileira, 2003.
- BUTLER, Judith P. **Sem medo de fazer gênero: Entrevista com a filósofa americana Judith Butler**. Nov. 2015, Folha de São Paulo, Entrevista concedida à Ursula Passos. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2015/09/1683172-sem-medo-de-fazer-genero-entrevista-com-a-filosofa-americana-judith-butler.shtml> Acesso em: 03/08/2016
- CABRAL, Bruno Fontenele; CANGUSSU, Débora Dadiani Dantas. “Voting Rights” **Retrospectiva histórica do direito ao voto nos Estados Unidos da America de 1787 a 1980**. 2010. Disponível em: <https://jus.com.br/artigos/18075/voting-rights> Acesso em: 12/08/2016.
- HARAWAY, Donna. **Manifesto ciborgue: Ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX**. In.: KUNZRU, Hari; TADEU, Tomaz.(Org.) Antropologia do Ciborgue: As vertigens do pós-humano. 2 ed. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2016.
- HIRATA, Helena. (org.). **Dicionário Crítico do Feminismo**. São Paulo: Editora UNESP, 2009, p.144
- MARVEL’S Jessica Jones**. Showrunner: Melissa Rosemberg. Produção: Tim Iacofano. Netflix, Marvel Television, ABC Studios, Tall Girls Productions. 2015. 1 Temporada. 13 episódios (46-55 min.) Cores.
- MEYER, Dagmar Estermann. **Gênero e educação: teoria e política**. In: LOURO, Guacira Lopes. (Org.). Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação. Petrópolis: Vozes, 2013. P. 11-29.

MONTEIRO, Rodrigo. **Os X-Men e o preconceito**. 2006. Disponível em: <https://omelete.uol.com.br/quadrinhos/artigo/os-x-men-e-o-preconceito/> Acesso em: 22/08/2016.

LEPORE, Jill. **The Secret History of Wonder Woman**. Washington D.C. Alfred A. Knopf. 2014

OLIVEIRA, Jussara. **Jessica Jones: Abuso, Resistência e mulheres que não precisam de homens para salvá-las**. 2015. Disponível em: <http://blogueirasfeministas.com/2015/12/jessica-jones-abuso-resistencia-e-mulheres-que-nao-precisam-de-homens-para-salva-las/> Acesso em: 04/07/2016.

**SHE'S Beautiful when she's angry**. Direção: Mary Dore. Produção: Mary Dore, Nancy Kennedy. Disponível em Netflix. 2014. Documentário (92 min.) Cores.

SARMENTO, Pablo. **Laço da Verdade: O impacto do feminismo na Mulher Maravilha**. 2014. Disponível em: <http://www.terrazero.com.br/2014/09/laco-da-verdade-o-impacto-feminismo-na-mulher-maravilha/> Acesso em: 08/ 08/ 2016.

PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. São Paulo: Contexto, 2013.

WESCHENFELDER, Gelson Vanderlei; COLLING, Ana. **As super-heroínas das histórias em quadrinhos e as relações de gênero**. Diálogos. Vol. 15. N. 2. 2011. Disponível em: [http://www.uem.br/dialogos/index.php?journal=ojs&page=article&op=view&path%5B%5D=447&path%5B%5D=pdf\\_436](http://www.uem.br/dialogos/index.php?journal=ojs&page=article&op=view&path%5B%5D=447&path%5B%5D=pdf_436) Acesso em: 06/11/ 2016.

WOOLF, Virginia. **Profissão para mulheres e outros artigos feministas**. Porto Alegre, L&PM Editores, 2012.